

TRÊS POEMAS EM INGLÊS

Tradução Beethoven Alvarez (2019)

SENTINDO ROBERTO DUNCAN

(Clayton Eshleman)

(para Adalberto Müller)

“você conhece esse poema da Emily Dickinson?” perguntado
por uma mulher que tinha saboreado
com seu corpo apenas uns poucos versos
das relações que brotam do Éden --

“Li todos os 1470!”, respondi,
e sinto a mão alisar a areia, apagando,
cuidadosa, versos escritos com os dedos,
ela que também apareceu e perguntou
“não é romântico
arrumar pedras,”

-- quando agora outra
mulher perdeu o leite no seu peito direito,
o que eu pude ter feito para mover toda essa consciência para
o esquerdo, para perturbar
o equilíbrio de válvulas fechadas
“como pedra” --

O ego encontrando a si mesmo
de início é fraco, quase
contido, quase tendo perdido toda a criação de
livrar-se, culpado

é um outono, mas outono como estação no ciclo da Mãe
virando inverno, primavera, toda nossa resistência, nossas
tentativas de libertar
um verso de pedra das margens
das praias,

ela toca numa aura
e faz arranjos em dó, lá,
correntes
mais precisas? mais manifestadamente naturais
que o correr da maré, fluir & falhar de mar a sol.

SENSING DUNCAN

*“do you know this poem by Emily Dickinson?” asked
by a woman who had savored
with her body only a few lines
of the relations that stream from Eden--
“I’ve read all 1470!” I answered,*

*and feel the hands smooth out the sand, erasing
careful finger-drawn lines of play
 who also looked up and asked
"is it romantic
to arrange stones,"
 --when now another
woman has lost the milk in her right breast
what might I have done to move all the consciousness to
her left, to disturb
the balance of closed valves
 like stone*

*The ego finding itself
 at first is weak, nearly
brought down, nearly losing all the creation of
break away, guilt*

*is a fall, but fall as season in the cycle of Mother
drawing to winter, spring, all our pushingback, our
attempts to free a line of stone from shored
margins,*

*she plays in aura
and arranges A, C,
 currents,
more precise? more wakefully natural
than tide run, roll & failure of sea to sun.*

EM DEFESA DA METAFÍSICA
(Charles Tomlinson)

Lugar é o foco. Qual é a linguagem
das pedras? Não quero dizer
Como imagens de paciência, expectativas de filósofos
Ou como tangentes astrológicas
Como se poderia associar, concluir subjetivamente
A partir de uma inércia lapidar. Apenas nós
Somos inertes. Pedras agem, como fotografias, permanecendo
Sempre do mesmo jeito, sem se mover, aguardando presença
Na ausência imprevisível, um ponto de contato
Físico, por um momento não físico
E num sinal de força, o marco
Entre dois infinitos. Pedras são como mortes.
Elas expõem limites.

IN DEFENCE OF METAPHYSICS

*Place is the focus. What is the language
Of stones? I do not mean
As emblems of patience, philosophers' hopes
Or as the astrological tangents
One may assemble, draw out subjectively
From a lapidary inertia. Only we
Are inert. Stones act, like pictures, by remaining
Always the same, unmoving, waiting on presence
Unpredictable in absence, inhuman
In a human dependence, a physical
Point of contact, for a movement not physical
And on a track of force, the milestone
Between two infinities. Stones are like deaths.
They uncover limits.*

MAIS UMA CERVEJA
(William Matthews)

A primeira foi pro relógio
e a sua música
que é o nome da própria música.

Depois uma cerveja pras cicatrizes na mesa,
todas curadas na forma de iniciais.

Depois uma cerveja pra sede
e a sua música que sempre esquecemos.

E uma cerveja pras mãos
que trazemos conosco.
Os cães do corpo, elas descansam
no cinzeiro e irrompem
de repente do sono.

E uma cerveja pra nossa reticência,
a verdadeira língua, a música,
o fogo feito de ar.

Depois uma cerveja pra jukebox,
eu queria que ela tivesse uma gravação
de uma apresentação de mímica do Marcel Marceau:
28 minutos de silêncio,
2 de aplauso.

Depois uma cerveja pra cabine telefônica.
Naquele confessionário você se senta.
Lá você canta a sua música.

E, por favor, uma cerveja pra quem vai pra casa
e se esparrama, como uma meia deixada pra trás
na gaveta da cama e repete
a mesma piada e fecha
a gaveta e dorme.

E uma cerveja pra qualquer um
que não pode notar a diferença entre
a morte e um bom choro
com a sua música.
Nenhum de nós vai durar o bastante.

A última cerveja é sempre pra estrada.
A estrada é o que o carro bebe
viajando em sua língua de luzes
de volta pra casa.

ANOTHER BEER

*The first one was for the clock
and its one song
which is the song's name.*

*Then a beer for the scars in the table,
all healed in the shape of initials.*

*Then a beer for the thirst
and its one song we keep forgetting.*

*And a beer for the hands
we are keeping to ourselves.
The body's dogs, they lie
by the ashtray and thump
suddenly in their sleep.*

*And a beer for our reticence,
the true tongue, the one song,
the fire made of air.*

*Then a beer for the juke box.
I wish it had the recording
of a Marcel Marceau mime performance:
28 minutes of silence,
2 of applause.*

*And a beer for the phone booth.
In this confessional you can sit.
You sing it your one song.*

*And let's have a beer for whoever goes home
and sprawls, like the remaining sock,
in the drawer of his bed and repeats
the funny joke and pulls it
shut and sleeps.*

*And a beer for anyone
who can't tell the difference between
death and a good cry
with its one song.
None of us will rest enough.*

*The last beer is always for the road.
The road is what the car drinks
traveling on its tongue of light
all the way home.*